

Bruna Moraes Battistelli
Jaileila de Araújo Menezes
Luciana Rodrigues
Diônvera Coelho da Silva
ORGANIZADORAS



Cartas para bell hooks

Práticas de esperança e de transformação
social inspiradas nos feminismos negros

**Bruna Moraes Battistelli
Jaileila de Araújo Menezes
Luciana Rodrigues
Diônvera Coelho da Silva
(Organizadoras)**

**Cartas para bell hooks:
práticas de esperança e de transformação
social inspiradas nos feminismos negros**

Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN
Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as - COPENE
Editora IFSertãoPE



©2023 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Os capítulos ou materiais publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Direito autoral do texto © 2023 Os autores

Direito autoral da edição © 2023 Editora IFSertãoPE

Publicação de acesso aberto por Editora IFSertãoPE

Disponível para download em:

<https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C322

Cartas para bell hooks : práticas de esperança e de transformação social inspiradas nos feminismos negros / Bruna Moraes Battistelli, Jaileila de Araújo Menezes, Luciana Rodrigues, Diônvera Coelho da Silva. - Petrolina: IFSertãoPE, 2023.
1910 KB ; PDF ; 188p.: il.

ISBN 978-65-89380-16-0.

1. Racismo. 2. Feminismo. 3. Opressão. 4. Esperança. 5. Transformação.

I. Título. II. Battistelli, Bruna Moraes. III. Menezes, Jaileila de Araújo. IV. Rodrigues, Luciana. V. Silva, Diônvera Coelho da.

CDD 320.56

Ficha Catalográfica Elaborada pela Bibliotecária Ana Christina Bezerra CRB4-2311

QUARTA COLEÇÃO

Para sonhar contigo um mundo amoroso: compartilhando pedrinhas miudinhas

Luciana Rodrigues
Profa. Dra. em Psicologia Social e Institucional
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8509719364457130>
E-mail: lurodrigues.psico@gmail.com

Resumo: A partir dos ensinamentos ofertados por bell hooks, esta carta fala de transformação como possibilidade de ancoragem para sonharmos um mundo fundamentado na ética do amor e em políticas do cuidado. Uma carta-partilha-agradecimento à autora por existir em nossas vidas e por nunca ter desistido de sonhar e nos convocar a sonhar um mundo amoroso, feito a partir das pedrinhas miudinhas de nossa vida cotidiana.

Porto Alegre, 14 de outubro de 2022.

Nublado lá fora, mas o sol desponta aqui dentro.

Querida bell hooks,

Espero que minhas palavras te encontrem bem onde tu estiveres. Sei que tem, ao menos, um lugar onde elas podem te encontrar: aqui onde te guardo em meu coração. Sabe, estava lembrando que há dois anos escrevi uma carta pra ti, num texto que publiquei com outras colegas (Battistelli *et al.*, 2022). Lá te contei sobre meu encontro contigo, sobre como teus ensinamentos me transformaram – como ser no mundo, como professora. Embora aquela tenha sido a minha primeira carta efetivamente endereçada a ti, hoje me dou conta que várias cartas que escrevi para compartilhar com outras mulheres – desde que te encontrei através da leitura do *Ensinando a Transgredir* (2017), em 2018 – eram, também, endereçadas a ti. Foi a partir das tuas histórias, do que tu nos ofertou com tuas partilhas-ensinamentos, que eu pude criar coragem para partilhar as minhas próprias histórias, que pude olhar pras minhas memórias, aprender a cuidar delas e, assim, a cuidar de mim também com mais carinho.

É inacreditável como uma cultura regida por políticas de dominação pode ser tão perversamente perspicaz em nos maltratar, inclusive nos ensinando a internalizar o rechaço a nós mesmas, a falta de autoestima, a autodepreciação, o sentimento de inadequação no

mundo. Eu, como uma mulher cisgênera negra (de pele clara) nascida numa cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul (que se faz conhecer pelo orgulho da colonização alemã), marcada pelos valores supremacistas branco e pela heterossexualidade compulsória (que me fez adiar a afirmação de ser lésbica), aprendi a autodesvalorização muito cedo. Ainda criança, lembro de situações onde eu desejava ser como aqueles corpos que não eram iguais ao meu. Eu olhava ao redor e o que mais me ofereciam como belo era o reflexo de Narciso branco no espelho. Era um jogo de forças onde o espelho de Oxum, que vislumbrava em minha família preta paterna, parecia perder forças. bell, será que tu já sentiu a força do cuidado de Oxum? Levou alguns anos pra que eu pudesse aprender que eu podia mirar outros lugares, como o Abebé, e aprender o que ele tem a me ensinar.

Pois é, não somos mesmo “adequadas” a esse mundo hegemônico que sustenta e preza pelos valores supremacistas brancos, patriarcais, imperialistas, porque desejamos um mundo comprometido com a justiça social, com a diversidade da vida, dos modos de existir, com a oferta de acolhimento e cuidado, não a política do ódio. Tu tem nos ensinado que a ética do amor é um caminho cotidiano para um outro projeto de mundo. Não esse amor como sentimentalismo romântico, descolado da vida, como abstração e transcendência. Teu convite é para que possamos compreender e exercitar o amor como uma escolha que é intencional e prática, pois como aprendi contigo “o amor é o que o amor faz”, é “vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa” (hooks, 2021, p. 47).

Aprendi com tuas partilhas e ensinamentos que eu precisava seguir exercitando o aprendizado do amor próprio, que precisava de exercícios práticos de autorrecuperação para que aquilo que racionalmente eu compreendia pudesse vir a se encarnar em minhas experiências, nos movimentos do meu corpo, das minhas relações cotidianas. Ah bell, eu certamente seria outra mulher se não tivesse me encontrado contigo e com outras mulheres negras que me ensinam sobre ser inteira, sobre amar a negritude, sobre não separar vida e academia, sobre reconhecer, honrar e aprender com nossas ancestralidades. Tudo isso me faz desejar a cada dia ser uma pessoa melhor, que possa ofertar o que tenho de melhor ao meu filho, à minha companheira, à minha família, às/aos estudantes com quem convivo em sala de aula e outros espaços da universidade. A professora que sou segue se reinventando a partir dos teus generosos e preciosos ensinamentos. bell, não sei se tu sabe, mas tu é uma das grandes mestras em minha vida.

Às vezes me pego pensando no tanto de tempo que levei pra conhecer e aprender com mulheres como tu – foram praticamente 30 anos da minha vida (que hoje está em seus 37). Compreender que minha existência não merece que eu olhe pra mim mesma com os valores

internalizados por um projeto colonizador, que incluir me cobrar pelo tempo dos meus processos de cura é também um desafio...

Esse ano, quando completei as 37 primaveras, Nathallia Protazio que, entre outras versões de si, é uma escritora incrível que tenho orgulho de orientar no percurso do mestrado, me enviou uma música de uma cantora brasileira chamada Vanessa da Mata. Havia tempos que não ouvia ela e não reconhecia aquele título que dizia “Hoje eu sei”. Coloquei pra tocar e achei delicada, sensível e que dizia coisas profundas pra minha alma. Seguiram-se os dias, talvez semanas. Voltei para o *Hoje eu sei* (2019) cantado por Vanessa e foi aquela intensa explosão, aquele alvoroço tomando todo meu corpo. Ouvi repetidas vezes e foram muitas repetições. Ia pra universidade pedalando e ouvindo ela no modo repetir. Então, esses dias, em uma conversa com Nathalia, disse a ela que havia algo naquela música que eu ainda precisava “resolver”, aprender, porque é isso que sinto quando vem a necessidade urgente de repetir e repetir uma música e mesmo assim, me dar conta de não ter aprendido toda a letra, pois havia sempre um trecho que eu não cantava justamente por não saber toda a letra, especialmente a parte que diz:

*Na minha vida hoje eu sei
Quem é dor
Quem é luz
Quem é fuga*

*Quem estraga ou quem estrutura
Quem é adubo, terra ou rosa*

*Hoje eu sei
Quem é conto, romance ou prosa
Silêncio amigo ou a cobra²*

Como aprender a saber sobre essas coisas na vida da gente sem se implicar, sem apostar em processos de autorrecuperação? De transformação e de cura? *Ensinando a transgredir* (2017) e *Erguer a voz* (2019) são dois dos teus livros que são muito especiais pra mim, que são como divisores de água em minha vida. Anos depois me encontrei, até meio por acaso, com *All about love*³ (2001), procurando um livro teu para comprar na versão original e ir treinando o meu inglês “enferrujado”. Era um momento difícil de minha vida, de um grande dolorir por tudo aquilo que recaía sobre mim e que eu nunca tinha desejado ou

² *Hoje eu sei*, composição de Jonas Myrin e Vanessa da Mata. Compõe o álbum da cantora intitulado *Quando deixamos nossos beijos na esquina* (2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zomFN49P-rQ>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

³ Em 2021 foi lançada uma versão do livro em português pela Editora Elefante intitulada *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*.

imaginado viver através de encontros marcados pelo machismo e racismo no cotidiano de trabalho, pela culpabilização por coisas que eu não sou responsável, pelo silenciamento, pela falta de acolhimento; tudo isso exatamente no lugar onde eu sonhei e lutei para poder estar: na docência universitária, pois esse era, também, meu primeiro ano como docente (servidora pública) da universidade onde trabalho. Aprender a saber quem deseja crescer com a gente e não nos destruir é um processo, por vezes, difícil e cansativo.

Compreender que preciso de autocuidado e autorrecuperação se desejo ofertar espaços de aprendizagem, comunidades de aprendizagem, aliançadas com uma política de cuidado e uma educação como prática de liberdade, foi um processo doloroso. Mas um doloroso que vinha acompanhado com a possibilidade de transformação, como ouvi esse dia de um estudante em uma disciplina sobre relações-étnico raciais. Isso é completamente diferente da dor que sentimos pela violência das práticas fundamentadas em políticas de dominação, que não desejam mais do que nos sugar as energias, nos explorar, nos tornar dependentes, obedientes, adaptados até deixarmos de ser o que somos, nem que para isso precisem nos matar. Como posso ofertar algo se minha presença não for também inteireza, como me engajar em processos de ensino-aprendizagem comprometidos com o crescimento integral de outras pessoas, se eu seguir aceitando a fragmentação que as políticas de dominação produzem em mim, em nós?

Nesses três anos de docência, tenho buscando exercitar a cada dia uma prática amorosa em sala de aula. Venho aprendendo que entre silenciamentos e rupturas, se não for possível me posicionar com palavras ditas, há também a possibilidade de me posicionar de corpo inteiro, aprendendo a reconhecer quando o enfrentamento é possível de se sustentar, sem que isso sucumba nossos corpos, nossa saúde mental; encontrando modos de me proteger e oferecer refúgio a outras/os frente a violência que o pacto narcísico da branquitude, como mostra Maria Aparecida Bento (2002), joga pra cima de nossos corpos ao reconhecer que não iremos pactuar com ele; aprendendo com nossas ancestralidade que nos aquilombar é preciso; que é no espelho de Oxum que devemos nos mirar; que é com o movimento da Sankofa que vamos aprendendo a honrar nosso passado e nosso futuro no presente. Como segue na canção da Vanessa da Mata:

*Aonde a fome vivia
Joguei minhas cores fartas
E como a natureza é sábia
Tem mazelas, mas tem cura
A solidão fazia casa
Plantei minhas jabuticabas, lá*

bell, tu é refúgio para mim. Aquela que acolhe, que abraça, que ajuda a sacudir a

poeira, a encarar o que dói para que possamos viver o sonho de um outro projeto de mundo, de uma sociedade do amanhã como Vinicius Silva e Wanderson do Nascimento (2019) nomeiam ao dialogarem contigo. Agradeço por existires em nossas vidas bell, e por nunca ter desistido de sonhar e nos convocar a sonhar contigo um mundo amoroso, feito a partir das pedrinhas miudinhas de nossa vida cotidiana.

Com amor,
Luciana.

Referências

BATTISTELLI, Bruna M.; FERRUGEM, Daniela; MARTINS, Luana R.; RODRIGUES, Bárbara M.; PIRES, Karem Samia P.; RODRIGUES, Luciana. Cartas para bell hooks: políticas do encontro para erguer a voz na Universidade. *Revista Alegrar*, n. 29, jan./jul. 2022, 51-48. Disponível em: <https://alegrar.com.br/alegrar29-3/>. Acessado em 14 de outubro de 2022.

BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e branquitude no Brasil. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 5-58.

HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: A educação como prática de liberdade*. São Paulo: WWF, Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *All about love: new visions*. New York: HarperCollins, 2001.

SILVA, Vinicius Rodrigues C. da; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Políticas do amor e sociedades do amanhã. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, [s. l.], v. 10, 2019, p. 168-182.